

BIBLIOTECA, QUE ESPAÇO É ESSE?

Lovani Volmer¹
Marines Andréa Kunz²

“Os que lêem, os que nos contam o que lêem,
os que ruidosamente viram as páginas de seus livros,
os que detêm o poder sobre a tinta vermelha e preta e sobre as imagens,
são eles que nos conduzem, que nos guiam, que nos mostram o caminho”.
Códice Asteca de 1524, Biblioteca Vaticana

RESUMO

A capacidade de viver mais qualitativamente está enlaçada à capacidade de ler. Ler e escrever, por sua vez, são práticas a serem ensinadas na escola, o que implica, muitas vezes, redimensionar as práticas e os espaços. Acreditando tanto na necessidade de leitura para o aprimoramento da produção textual como na de incentivá-la para um exercício pleno da cidadania, possibilitando o conhecimento de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, pretende-se analisar a biblioteca escolar, espaço por vezes esquecido, mas nem por isso menos importante nesse processo. O presente artigo, nesse sentido, pretende, pois, discutir a relevância desse espaço na formação do leitor e apresentar algumas propostas para qualificar o uso da biblioteca escolar.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Escola. Biblioteca.

ABSTRACT

The capacity of living more qualitatively is joined to the capacity of reading. To read and to write, by this time, they are practical being taught in the school, what implies, very often, to re-calculate the practices and the spaces. Believing so much in the necessity of reading for the improvement of the textual production as in stimulating it for a full exercise of the citizenship, enabling the knowledge of different points of view and enlargement of experiences, it intends to analyze the school library, space, sometimes forgotten, but nonetheless important in this process. The present article, in this sense, intends to discuss, the relevance of this space on the reader formation and to present some proposals to qualify the use of the school library.

Keywords: Reading. Literature. School. Library.

¹ Professora da Universidade Feevale. Mestre em Letras (área de concentração Leitura e Cognição) pela UNISC.

² Professora e coordenadora do Curso de Letras da Universidade Feevale. Doutora em Letras (área de concentração Teoria da Literatura) pela PUCRS.

INTRODUÇÃO

A leitura é uma habilidade humana que, segundo Paulo Freire (1997), precede a escrita - só pode ser escrito o mundo que foi anteriormente lido - e está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do aluno, o que pode evitar a evasão escolar. Nesse sentido, é preciso garantir ao cidadão o acesso à palavra que é patrimônio da cultura letrada.

A escola é a responsável pela aprendizagem dessa habilidade, nos diversos níveis de ensino; ler e escrever são, inicialmente, tarefas da escola, em cada sala de aula e na biblioteca, esta como espaço convergente de todas as atividades. É na biblioteca que se estimula ou não a circulação e a transferência da informação, que se favorece ou não a convivência dos diferentes segmentos da comunidade escolar. Por conseguinte, a escola que não olha para a sua biblioteca e que não a vê como espaço do professor e do aluno descuida da leitura e da escrita que realiza.

O que se percebe, porém, na maioria das escolas, é que a biblioteca não conta com bibliotecário especializado em biblioteconomia nem em formação de leitores. Em geral, quem cuida desse espaço é um professor desviado de sua função. Além disso, frequentemente, o local escolhido para abrigar a biblioteca é o mais inacessível, escuro e úmido do prédio escolar, o que evidencia a importância que lhe é atribuída. O acervo também é precário, pois é composto essencialmente por livros didáticos e não por livros de literatura de qualidade e outras fontes de pesquisa científica, como livros, periódicos, enciclopédias, computadores com acesso à Internet. Por fim, os professores, em geral, não fazem uso desse espaço, deixando de desenvolver a cultura da pesquisa e da leitura no espaço escolar.

Diante dessa realidade, este artigo pretende discutir a relevância desse espaço na formação do leitor e apresentar algumas propostas para qualificar o uso da biblioteca escolar.

1 PARA COMEÇAR, ALGUMAS CURIOSIDADES...

“Ler literatura, livros que levem a um esforço de decifração, além de ser um prazer, é um exercício de pensar, analisar, criticar.

Um ato de resistência cultural”.

Ana Maria Machado

Na atualidade, referimo-nos à biblioteca com muita naturalidade, mas, em geral, pouco ou nada sabemos acerca de seu surgimento. Assim sendo, entendemos ser necessário, quando se reflete sobre a leitura e sua importância, conhecer também um pouco da história da biblioteca – local, não raro, menos privilegiado da escola.

Segundo A. Manguel (2006), não se sabe qual a primeira biblioteca que existiu, mas uma das mais importantes que existiu foi a de Alexandria, construída por Alexandre, o Grande, no final do século III a. C., para provar que o universo era de uma variedade estonteante, e que essa variedade possuía uma ordem secreta (áreas temáticas, diferentes categorias etc.), o que contraria o mito da Torre de Babel. Esta representaria a crença na unidade do universo, enquanto a biblioteca de Alexandria reunia a diversidade. Ela se ergueu “quando as histórias tomaram a forma de livros e esforçou-se por descobrir uma sintaxe que conferisse a cada palavra, a cada tabuleta, a cada rolo seu lugar próprio e iluminador” (2006, p. 29). Em outra obra (1998, p. 216), o autor destaca que, no entanto, “uma volúpia por papel não implica amor aos livros, mas a familiaridade com a palavra escrita sem dúvida acostumava os cidadãos de Alexandria ao ato de ler”.

É curiosa e ousada a atitude do Rei Ptolomeu, que decretou a apreensão de todos os livros que chegassem ao porto de Alexandria, os quais deveriam ser copiados e, posteriormente, devolvidos. Não raras vezes, o exemplar devolvido era a cópia. Formou-se, assim, o que se denominou a coleção dos navios. De acordo com o autor supracitado, os volumes tinham de ser colecionados em grande número, pois o objetivo da biblioteca era abrigar a totalidade do conhecimento humano.

Na biblioteca de Alexandria, era praticamente impossível a um leitor individual encontrar determinado título. Fez-se necessário, então, um método para ajudar as pessoas a fazer uso daquela riqueza livresca, permitindo ao leitor encontrar determinado livro sem maiores dificuldades. Coube a Calímaco de Cirene, trabalhador da biblioteca, catalogar as obras existentes, ou pelo menos iniciar, pois a tarefa foi continuada por inúmeros outros bibliotecários que o sucederam. Para tal, a biblioteca foi dividida em estantes ou mesas organizadas em oito assuntos: teatro, oratória, poesia lírica,

legislação, medicina, história, filosofia e miscelânea. A catalogação das obras em ordem alfabética, a qual utilizamos até hoje, também devemos a Calímaco. De acordo com o crítico francês Christian Jacob (Mangel, 1998), com Calímaco, a biblioteca tornou-se um lugar de leitura organizado. Assim, “a biblioteca de Alexandria e seus catálogos tornaram-se os modelos, primeiro das bibliotecas da Roma imperial, depois das do Oriente bizantino e, mais tarde, da Europa cristã” (Manguel, 1998, p. 220).

No século III a. C., a leitura dependia da censura, que podia se configurar de diferentes maneiras: pela estante em que se encontrava o livro, pela seção em que fora catalogado, pelo privilégio de uso das salas reservadas, das coleções especiais, pela geração de bibliotecários que haviam dado forma ao acervo, por diretrizes oficiais da sociedade ptolomaica, por regras burocráticas, pelo volume e pela disponibilidade.

Importante lembrar que, nessa época, os livros não tinham o formato de códice, como são conhecidos hoje. Primeiramente, eram escritos em tábuas, geralmente de argila, depois em rolos de pergaminho. O códice só foi descoberto por Júlio César, que, cansado de segurar o rolo, o que era pouco prático, dobrou-o, criando o formato atual. Dobrado uma vez, o pergaminho tornava-se um fólio, duas vezes, um fólio in-quarto; mais duas, um fólio in-octavo.

Cabe destacar, ainda, que até o século X não existia leitura silenciosa e as palavras no texto não eram separadas. Então, os monges dos scriptorium³ dos conventos, para auxiliar os que tinham dificuldade para ler, dividiam o texto em linhas de significado. Já no séc. IX, a leitura silenciosa estava tão difundida que os escribas começaram a separar as palavras.

A descoberta da leitura silenciosa permitiu maior privacidade no ato da leitura, possibilitando uma comunicação sem testemunhas entre o livro e o leitor. Agora, o leitor não estava sujeito às orientações ou aos esclarecimentos, à censura ou à condenação imediatas de um ouvinte.

No Brasil, embora nem todos saibam, a primeira biblioteca está relacionada à vinda da Família Real ao país, em 1808, que trouxe uma coleção de

sessenta mil peças, a qual foi guardada no Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo. No dia 29 de outubro de 1810, o Príncipe Regente decretou que a Real Biblioteca e os instrumentos de física e matemática fossem instalados nas antigas catacumbas dos religiosos do Carmo. Esse dia é considerado oficialmente a data da fundação da Real Biblioteca que, contudo, só foi aberta ao público em 1814.

Entretanto, quando a Família Real retornou a Portugal, em 1821, D. João VI levou consigo grande parte dos manuscritos. Posteriormente, com a independência, o Brasil adquiriu a Biblioteca Real, atual Biblioteca Nacional do Brasil, localizada no Rio de Janeiro, a qual é beneficiária do Depósito Legal, ou seja, recebe um exemplar de cada publicação efetuada no território nacional, configurando-se, assim, como guardião do acervo e da produção intelectual nacional. Além disso, efetua a compra de material bibliográfico no exterior, nas quais se incluem livros relativos ao Brasil ou de interesse para o país. Também divulga a bibliografia brasileira por meio de catálogos, disponíveis no Portal Institucional (www.bn.br). A Biblioteca é considerada uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo e a maior da América Latina, sendo que seu acervo é estimado em nove milhões de itens. Atualmente, a Biblioteca Nacional não empresta livros, como uma biblioteca comum, mas possibilita a consulta ao acervo a pesquisadores e estudiosos.

2 DISCUTINDO A BIBLIOTECA ESCOLAR...

“Compraste livros e encheste estantes, oh amante das Musas. Significa isso que é um erudito agora? Se comprares instrumentos de corda, plectro e lira hoje, julgas que amanhã o reino da música seja teu?”.
Décimo Magno Ausônio (poeta gaulês)

Já na época da Biblioteca de Alexandria, a biblioteca “deveria ser uma oficina de leitores e não apenas um lugar onde os livros fossem preservados infinitamente” (MANGUEL, 2006, p. 33), pois o sentido de sua existência é o leitor, que garante vida a cada elemento do acervo. Só é necessário haver bibliotecas na medida em que há leitores.

A existência de toda e qualquer biblioteca permite aos leitores uma visão de qual é de fato o seu ofício (Manguel, 2006). Nesse sentido, cabe perguntar qual é o verdadeiro ofício da biblioteca

³ Local onde trabalhavam os monges copistas – nome que deu origem à palavra escritório.

escolar. A ela cabe uma decisiva parcela na tarefa de formar leitores críticos e proficientes, uma vez que constitui recurso indispensável ao processo de ensino-aprendizagem e formação do educando.

Pode-se afirmar, pois, que uma escola sem biblioteca orientada para um trabalho escolar dinâmico torna-se um instrumento estático e improdutivo dentro desse contexto. Aos leitores, aos usuários, por sua vez, cabe fazer a leitura “da biblioteca” e/ou “na biblioteca” (NEVES, 1999). A primeira diz respeito às atribuições e tarefas específicas que nela são desenvolvidas, tendo em vista reunir e desenvolver um conjunto de fontes, recursos e serviços de coletas, tratamento e disseminação da informação. Seria correto afirmar que essa é decisiva para que, efetivamente, ocorra a leitura “na biblioteca”.

Além disso, as fontes de informação que constituirão o acervo da biblioteca deverão estar sob permanente avaliação, a fim de revelar uma adequação desejável aos objetivos educacionais, às expectativas, às necessidades e às demandas da comunidade escolar. Essa leitura, para ser eficaz, deverá contar com a participação tanto da equipe da biblioteca como da comunidade escolar.

Outro aspecto importante a considerar é a organização espacial da biblioteca. O *layout*, a disposição do acervo, a sinalização para demarcar espaços, recursos e serviços representam uma forma de escrita que visa a facilitar o entendimento do usuário acerca de suas possibilidades de uso da biblioteca. “Ler a biblioteca” significa, ainda, compreender as suas finalidades, conhecer a sua organização e dinâmica, além de utilizar com familiaridade e segurança seus recursos e serviços, é a forma como o usuário tem acesso a todas essas informações, a forma como é atendido.

“Ler na biblioteca”, por sua vez, é a continuidade do processo iniciado em sala de aula. A biblioteca atua como espaço de recepção e produção de ideias, complementando, suplementando outros espaços ou momentos de ensino e de aprendizagem formal e/ou informal, ou seja, a biblioteca inserida no processo educativo deverá servir de suporte a programas de educação, integrando-se à escola como parte dinamizadora de toda ação educacional.

Nesse sentido, a biblioteca é crucial no processo de mediação da leitura, transformando-se em um espaço público dentro da própria escola,

um local aberto onde a criatividade, a imaginação e a sistematização se mesclam para oportunizar o desencadeamento da leitura crítico-reflexiva, do conhecimento de fontes de informação, através das quais se processa a leitura diversificada que permitirá a facilitação da criação literária, resultante do exercício da redação textual, principalmente (NEVES, 1999). No entanto, isso não tende a ocorrer sem a intervenção do professor e do bibliotecário, pois, segundo A. Manguel (2006, p. 13), “o amor às bibliotecas, como a maioria dos amores, deve ser aprendido. Ninguém que pise pela primeira vez num aposento repleto de livros saberá instintivamente como se comportar nem o que se espera, o que se promete e o que é permitido”. A equipe da biblioteca pode e deve ser mediadora no processo e não mera entregadora/recebadora de livros, o que faz toda diferença.

Numa época em que o avanço tecnológico coloca à disposição do aprendiz engenhos sofisticados, é inadmissível que uma escola caminhe com propostas de leitura inócuas e/ou confunda biblioteca com “depósito de livros”. Lançando mão de esquemas organizacionais “adequados”, isto é, fundamentados no bom senso e na percepção da clientela, a biblioteca é que deve se adaptar aos leitores, e não o contrário, quando são estes que se enquadram em um sistema de normas, para poderem alcançar a fruição de um livro. O objetivo da biblioteca escolar é incentivar e disseminar o gosto pela leitura, por meio do acervo organizado e integrado aos interesses da instituição, bem como da estrutura e funcionamento.

Pensemos nas muitas bibliotecas que conhecemos... Estariam elas mais para mediadoras ou guardadoras/entregadoras de livros? A equipe está na biblioteca com essa função ou eventualmente “alguém” abre a porta, anota as retiradas e devoluções de livros? Está na hora de se repensar esse ambiente em nossas escolas, tanto como espaço físico como de pessoal; não basta que qualquer um ocupe esse precioso espaço, é preciso pessoas preparadas para tal atividade. Assim sendo, para a prática efetiva da leitura, é preciso ter uma biblioteca com espaço físico agradável, acolhedor e conquistador, que se torne presente na vida da escola. A biblioteca, como qualquer outro espaço escolar, deve atuar em conexão com o plano pedagógico da escola.

3 EXPLORANDO A BIBLIOTECA ESCOLAR...

“Que é um livro, se não o abrimos?”

Jorge Luis Borges

Para que a biblioteca escolar se configure como verdadeiro espaço de leitura e pesquisa, há que se planejar a dinâmica pedagógica, o que deve ser feito por profissionais realmente comprometidos com a difusão do conhecimento, com a formação de leitores e com uma educação de qualidade.

Nesse sentido, sugerem-se algumas ações simples, que não requerem muito investimento, o que é sempre a grande causa apontada para a falência da biblioteca escolar. Primeiramente, respeitando a maturidade dos leitores mirins, não se devem limitar livros a séries, ou seja, que cada aluno possa escolher entre a diversidade de livros disponíveis.

Para que o aluno queira retirar e ler livros da biblioteca, é necessário que ele conheça o acervo. Nesse sentido, pode-se proceder à exposição de livros, trabalhos e pesquisas, deixando-os à vista, pois aquilo que está “escondido” não é procurado e, inclusive, não é conhecido. Outra atividade a ser realizada para se conhecer o acervo, mostrando as coleções e as diferentes categorias, além da apresentação dos livros literários por gênero, o que pode ser feito pelo professor, para que o aluno saiba que histórias existem e descubra de que gosta. Com isso, com certeza, a curiosidade do aluno será despertada.

A publicação de livros faz parte de um complexo sistema editorial, aspecto que, contudo, pouco é ressaltado pelos mestres. O conhecimento desse sistema é fundamental para o alargamento de horizontes do aluno, tanto no que se refere às editoras, aos autores e ilustradores, bem como relativamente a preços. Para isso, pode-se acessar o *site* das editoras, até para que o aluno valorize o material de leitura da biblioteca de sua escola. Paralelamente, o professor deve ensinar os alunos a conhecerem o próprio livro, ou seja, as informações que ele traz, como editora, ano de publicação, edição, autores e ilustradores.

A partir disso, pode-se, inclusive, criar uma editora fictícia⁴ para a turma, ou para a escola, a

fim de coletar textos dos próprios alunos. Assim, podem criar um nome e uma marca para essa editora, realizar exposições e catálogos dos livretos produzidos pelos alunos ou mesmo de materiais coletados, como crônicas de jornal. Esse pode ser um projeto interdisciplinar, que envolve a área das artes e da matemática, por exemplo. Com isso, a escola estará criando a cultura da leitura, que falta em nossa sociedade.

Com os alunos menores, ainda na fase de alfabetização, pode-se brincar com esses elementos de forma lúdica. Por exemplo, é possível fotocopiar as capas dos livros de leitura, recortá-los em três partes no sentido horizontal, para que os alunos as remontem, identificando título, autor, ilustrador e editora, além de apreciarem a ilustração evidentemente.

Se a escola tiver acesso à rede mundial de computadores, pode levar os alunos a visitarem *sítios* de editoras e, especialmente, de escritores, para que eles possam interagir com as propostas virtuais de literatura. Exemplo de *site* interativo é o da escritora Ângela Lago, cujo endereço é www.angela-lago.com.br. A escritora Simone Saueressig também publicou a história **O pit bull é manso, mas o dono dele já mordeu uns quantos**, em seu *site* – www.porteiradafantasia.com.

A escola também pode ser espaço para a exposição de textos em locais inusitados, para romper com o padrão e para aproveitar o fator surpresa. Então, os banheiros, o refeitório, o chão da área coberta e a pracinha da escola, por exemplo, podem abrigar textos literários. Paralelamente, pode-se criar o Projeto Autor do Mês, em que um autor é escolhido. A partir disso, pode-se expor suas obras, apresentar sua história, excertos de textos etc.

Um dos problemas da visita à biblioteca escolar é o horário de atendimento, ou seja, em geral não há atendimento antes e depois da aula, bem como na hora do recreio. A escola pode organizar os horários de modo que os alunos possam frequentar esse espaço quando não estão na sala de aula. Aproveitando esse novo horário de atendimento, é frutífero abrir a biblioteca aos pais dos alunos, sendo que, frequentemente, há pais que gostariam de ler, mas não têm acesso a nenhuma biblioteca.

⁴ Observar as marcas das editoras é uma atividade interessante, como, por exemplo, o da Companhia

das Letrinhas, que publica livros infantis e que usa um trenzinho na marca.

Especialmente pais de periferia que não vão ao centro da cidade, onde, em geral, fica a Biblioteca Pública. Com essas duas possibilidades, as chances de pais e alunos fazerem uso da biblioteca mais amíúde são grandes.

A partir disso, outra forma de trazer pais e alunos para a biblioteca e para a escola é promover bate-papos com leitores (pais, professores, funcionários), os quais expõem um livro de que gostaram. Da mesma forma, pode-se pedir que pessoas que escrevem – escritores e jornalistas, por exemplo – venham à escola participar desse momento. E, ainda, aproveitando a presença da comunidade escolar, momentos de leitura ouvida seriam bem proveitosos, pois a maioria das pessoas gosta de ouvir histórias, muito mais do que de ler.

Com os alunos, como parte de um projeto maior, é saudável visitar a Biblioteca Pública da cidade para uma visita guiada, bem como visitar bibliotecas de escolas vizinhas, promovendo a troca de experiências. No mesmo projeto, semelhante ao ajudante da sala de aula, pode-se escolher um ajudante da biblioteca, ou seja, um aluno que auxilia a bibliotecária durante um dia da semana, por exemplo.

Com diz o chavão “a propaganda é o melhor negócio”, divulgar as opiniões sobre os livros lidos também é uma forma de atrair os alunos para a biblioteca e para a leitura. Nesse sentido, pode-se montar um mural com sugestões de leituras e críticas a livros lidos, para que os alunos expressem livremente sua opinião acerca do que estão lendo, desenvolvendo, com isso, o espírito crítico.

Essas são algumas sugestões de trabalhos passíveis de serem realizados sem muitos gastos, necessitando apenas de alguma boa vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das avaliações do desempenho

de nossos alunos na leitura e no uso da língua materna têm revelado um quadro desastroso, o que deveria preocupar a todos os responsáveis na educação de nosso país. Além disso, como é essencial para promover a autonomia e a cidadania e, por conseguinte, alavancar o desenvolvimento de nosso país, a leitura e as bibliotecas escolares e públicas deveriam ser objeto de políticas públicas, a fim de melhorar os níveis de formação de nossos alunos.

Essas iniciativas devem prever a formação de um acervo adequado e rico em obras literárias e de pesquisa, além de oferecer um ambiente apropriado, administrado e organizado por pessoas capacitadas e comprometidas com essa função. Nesse sentido, se não se discutir a biblioteca escolar, pode-se correr o risco de se ter uma biblioteca apenas no nome e em documentos.

Em contrapartida, na escola, o trabalho conjunto entre o professor e o responsável pela biblioteca é imprescindível para a realização de atividades que efetivamente incentivem a leitura por parte de toda a comunidade escolar. Se o professor não se engajar nesse desafio, com certeza, os índices de desempenho muito pouco ou nada mudarão.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Lisboa: Presença, 1998.

_____. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.